

Acadêmicos da crise

Educação

O GLORO

CHICO ALENCAR

11 MAR 1997

Está entrando uma grande escola nas avenidas do Brasil: a Unidos (nem tanto) da Educação Pública. Só no Estado do Rio de Janeiro suas alas de alunos, professores e funcionários congregam cerca de dois milhões de seres humanos. É sempre assim: no começo de um desfile que dura todo o ano letivo, muita empolgação. Depois o samba atravessa. Às vezes, porém, os atropelos na passarela da vida são tantos que a novidade triste é esta de agora: muitos componentes não estão nem querendo desfilar, pois não receberam aquele mínimo para comprar adeços de mão.

A escola está de luto também porque perdeu um de seus patronos: o mais indígena dos homens brancos, o mais feminino dos machistas, o mais monarquista dos republicanos, o mais estratosférico dos antropólogos, um dos mais criativos dos educadores, o mais irreverente dos senadores, e, no fim de sua caminhada, o mais saudável dos doentes. Discípulo de Anísio Teixeira, o professor Darcy Ribeiro, em meio a posições polêmicas, entre as quais algumas definições da recentíssima LDB, construiu uma unanimidade: o enredo da educação pública precisa ter raiz nacional; o ato de ensinar só se consoma com delicadeza, irreverência e criatividade; os trabalhadores da educação não podem perder sua capacidade de sonhar e ousar.

As dificuldades da escola para engrenar nessa avenida chamada Brasil derivam também do contexto internacional. Instituição essencialmente humanista, que molda a argila da pessoa humana, a escola perde terreno no mundo cibernético e da comunicação de massa. Ela, quase sempre, arrasta suas humildes sandálias, levantando a poeira do chão, enquanto o mundo se fascina com o jato, com o computador, com a realidade virtual. A revolução tecnológica desse fim de século reforça o conteúdo fortemente materialista do capitalismo: tudo é mercado, tudo é troca, tudo é negócio. Não há mais lugar para romantismo. E a escola, como Marx dizia da religião no século passado, é quase "o coração de um mundo sem coração". A diver-

sidade de oportunidades e ofertas da economia de mercado mal esconde uma terrível uniformização de comportamentos e gostos: só existimos se consumimos, só *sou* se compro. A padronização de valores mata o quesito no qual a escola tem que ser forte: a originalidade, o investimento na formação de criaturas inventivas, o estímulo à curiosidade que o ser humano (ainda) traz do berço.

A Unidos da Escola Pública não tem saída: ou se assume, nesse fim de século, com vigor e esperança, como espaço de *resistência*, ou está condenada ao rebaixamento, primeiro passo da extinção. Resistir não tem nada a ver com a postura reacionária dos que têm nostalgia dos "bons tempos" que não voltam mais. Resistir não é recriar o movimento dos inimigos da máquina da Revolução Industrial e sair quebrando parabólicas e micros. Resistir é exatamente preservar a dimensão hu-

mana e solidária das relações econômicas e sociais, e afirmar o tempo todo que os engenhos só têm sentido, como dizia o Galileu de Brecht, se "servirem para aliviar a canseira da existência humana". Para todos e não só para uns poucos privilegiados.

O samba da educação vai levantar o país se, ao lado da luta pela dignificação do trabalho na área, passistas e bateria entenderem que a escola, para além de currículos, conteúdos e programas, precisa desenvolver o autoconhecimento de seus integrantes, a reflexão crítica, a compreensão da sociedade, a socialização cooperativa, apesar da maré individualista e de atomização.

Os acadêmicos de um país soberano e socialmente justo, envolvidos com o ensino de Primeiro, Segundo e Terceiro Graus, precisam dominar a multimídia e combinar as marchinhas de antigamente com a rapidez dos sambas de embalo. Sem medo das novidades. Afinal, como ensinou Darcy Ribeiro, "não se aprende por televisão. Só se aprende estudando textos escritos. Os computadores podem ser os professores do futuro mas não farão nada se não tiverem um bom professor, de carne e osso, emprenhando-os de idéias".

Humanista... a
escola perde
terreno no
mundo
cibernético
